

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XXI*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1982

**JOSÉ D'ENCARNAÇÃO**

Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra

**FRANCISCO GERALDES**

Decorador e projectista (Covilhã)

**JÚPITER SUPREMO SUMO — UMA INSCRIÇÃO INÉDITA  
DE ORJAIS (COVILHÃ)**

Conimbriga, XXI (1982), p. 135-142

**RESUMO:** Uma dedicatória inédita a Júpiter, dos começos do Império, apresenta dois motivos de interesse: a dedicante é uma indígena, cujo nome (*Dobiteina*) apresenta particularidades filológicas a realçar; o deus é invocado sob dois epítetos — Supremo e Sumo — que, atestados pela primeira vez na epigrafia, se prendem decerto com a linguagem oral.

**RÉSUMÉ:** Une dédicace inédite à Iuppiter, du début de l'Empire, présente deux particularités: le dédicant est une indigène dont le nom (*.Dobiteina*) est important du point de vue philologique; la divinité est invoquée sous deux épithètes — *Supremus* et *Summus* — jusqu'ici inconnus des textes épigraphiques et pris sans doute du langage oral.

(Página deixada propositadamente em branco)

## JÚPITER SUPREMO SUMO

### UMA INSCRIÇÃO INÉDITA DE ORJAIS

Torna-se cada vez mais evidente que — tanto no Noroeste da Península Ibérica como ãas zonas da Lusitânia onde a população mantém traços pré-romanos na sua identificação — o culto a Júpiter se mostra florescente, a par da vitalidade indesmentível dos cultos indígenas.

Alain Tranoy e Patrick Le Roux vêm-no demonstrando nos últimos anos em relação ao Noroeste (1); os novos achados na área da Beira Baixa comprovam-no (1 2) ; a existencia dum possível santuário a Júpiter Repulsor na região de Nisa(3) e a abundância

(1) Uma primeira achega fora dada por ambos em *Rome et les indigènes dans le nord-ouest ibérique*, «Mélanges de la Casa de \ elázquez», IX, 19/3, p. 218-221. A ideia foi retomada por exemplo em *Nouveau témoignage du culte de Jupiter dans le conventus bracarus*, «Minia», 2.<sup>a</sup> série, ano II, n.º 3, 1979, p. 57-60, onde se escreve nomeadamente que a já longa lista de dedicatórias a Júpiter encontradas na região de Braga confirma «o importante papel deste culto nesta zona em que abundam aliás as divindades indígenas», acrescentando-se que tais dedicatórias «podem ocultar na realidade uma divindade indígena assimilada a este grande deus clássico» (p. 59). Mais recentemente, A. Tranoy frisou o mesmo aspecto: *Romanisation et monde indigène dans la Galice Antique: problèmes et perspectives*, «Primera Reunión Gallega de Estudios Clasicos», Santiago de Compostela 1981, p. 119.

(2) JOÃO LUÍS YAZ, *Inscrições Romanas do Museu do Fundão*, «Conimbriga», XVI, 1977, p. 7-8; L. PLÁCIDO, *4ra inédita a Júpiter Ótimo Máximo*, «Conimbriga», XVII, 1978, p. 55-58.

(3) JOSÉ d'EXCARNAÇÃO, *Epigrafia Romana do Nordeste Alentejano — Nisa, Torre de Palma e Silveirona*, «Conimbriga», XVI, 1977, p. 62-65.

de aras a I. O. M. no território amaiense<sup>(4)</sup> — confirmam-no também.

Por isso se nos afigura do maior interesse o monumento que ora damos a conhecer: além de dedicado por um indígena, como a maior parte dos demais, documenta uma invocação até agora não registada epigraficamente (ao que saibamos).



A ara foi encontrada deitada, há uns vinte e cinco anos, na Quinta da Mourata, freguesia de Orjais, concelho da Covilhã, quando surribavam a terra para plantar uma vinha. É propriedade do Sr. João Borges Terenas Sobrinho, dono da quinta, em cuja casa está depositada até entrar para o Museu Municipal da Covilhã (em formação) <sup>(5)</sup>.

O local de achado, à cota aproximada de 560 m, não muito afastado da E. N. 18 ao Km 32 500, situa-se cerca de dez metros a sul dum rochedo com sepultura cavada na rocha, hoje destruída. Aí se recolheram fragmentos de *tegulae*, *dolia* e cerâmica comum. Uns 1400 metros a sudeste fica a povoação da Borrallheira, onde, em 10 de Dezembro de 1953, foi encontrado um tesouro, datável do princípio do séc. m, hoje no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia: dele constavam, entre outras peças, quarenta *aurei*, um colar, um par de brincos, quatro anéis de ouro, quatro fragmentos de colheres em prata <sup>(6)</sup>.

<sup>(4)</sup> J. d'Encarnação sublinhou esse facto na exposição apresentada ao V Colóquio de História Antiga (Oviedo, 1-3 Abril 1981), *A religião romana não-oficial nas colónias e municípios da Lusitânia durante o Alto Império*. Rectificou então algumas leituras apresentadas por E. JALHAY, *Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo de Aramenha romana (concelho de Marvão)*, «Brotéria», XLV, 1947, p. 615-633.

<sup>(5)</sup> Agradecemos-lhe a oportunidade de estudar o monumento e as facilidades concedidas para o fotografar.

<sup>(6)</sup> MANUEL HELENO, *O tesouro da Borrallheira (Teixoso)*, «O Arqueólogo Português». 2.<sup>a</sup> série, II, 1953, p. 213-226.

\*  
\*   \*  
\*

Em granito de grão fino, cor acinzentada, a ara pesa 100kg; esfacelada nas arestas, está bastante gasta, pois há mais de vinte anos que se encontrava num muro da quinta, sujeita à acção desgastadora do tempo, criando musgos — a incisão das letras já pouco se nota à vista desarmada, sem iluminação rasante.

Sobre a cornija, saliente, dois toros lisos, que limitam uma depressão suave em jeito de fóculo. Sob ela duas molduras sucessivas, em garganta directa, separadas por um listei plano, a inferior mais estreita e curta, como aliás se pode ver pelos desenhos (onde, mais do que reproduzir exactamente a peça na actualidade, procurámos mostrar como deveria ter sido). A inscrição ocupa o fuste, apenas deteriorado no lado esquerdo — as mossas afectaram) minimamente o D (1. 1), bastante mais o A quebrado pela barra (1. 2), e a quase totalidade do I (1. 3) de que só resta um pouco da terminação inferior. A base tem moldura do tipo garganta reversa com listei. No todo, um monumento gracioso, denotando a tendência da(s) oficina(s) epigráfica(s) da zona em dar(em) uma boa importância volumétrica ao capitel.

Dimensões :

$$66 \times \left\{ \begin{array}{l} 34 \text{ (cornija)} \\ 26,5 \text{ (fuste)} \\ 33 \text{ (base)} \end{array} \right\} \times \left\{ \begin{array}{l} 26 \\ 18 \\ 25,5 \end{array} \right.$$

Campo epigráfico: 25,5 × 26,5.

DOBITEIN/A DOQVIRI F (*ilia*/ [I]OVI . SVP(remo) . SV/MO.  
VOTVML (*ibens*)A (*nimo*)S [*olvit*].

Dobiteina, filha de Doquiro, cumpriu de boa mente o voto a Júpiter Supremo Sumo.

Altura das letras: 1. 1 e 2: 4,5; 1. 3: 4,5 e 3,5; 1. 4: 3,5.  
Espaços: 1: 2; 2 e 3: 1,5; 4: 2; 5: 1,5.

\*

\*\*

Paginação muito cuidada, com alinhamento à esquerda e à direita; texto bem colocado em altura, regularmente. Nem quase se nota a incorrecção gramatical na transliteração DOBITEIN/A. A pontuação não existe sempre onde era necessária — presente (pontos redondos) a separar bem o teónimo e seus epítetos (1. 3 e 4), parece faltar no resto da epígrafe; e dizemos «parece», porque o mau estado da superfície epigrafada nos impossibilita uma certeza. Na 1. 2, o lapicida recorreu a um Q de corpo mais pequeno que as demais letras e haste oblíqua longa até quase ao vértice do V seguinte. Na 1. 4, o nexu VM une-se à barra do T anterior e parece estar também ligado ao L seguinte; a exiguidade do espaço obrigou, de resto, a encavalitar as últimas três letras, reduzindo o seu tamanho. Dum modo geral, porém, os caracteres apresentam-se actuários e atrevemo-nos a dizer que só não foram do tipo monumental quadrado devido à dificuldade de gravar em granito: veja-se a circularidade do 0 nas três primeiras linhas, toda a linha 1, a simetria do primeiro S da 1. 3, o P não fechado.

\* \*

A dedicante, uma indígena, identifica-se como é de uso: um só nome e filiação (nome do pai em genitivo seguido de *filia*).

Os antropónimos registados são caracteristicamente peninsulares, lusitânicos mesmo. Essa é, pelo menos, a conclusão a que chegamos, analisando a sua distribuição na Península. No I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Peninsula Iberica (1974), pôde M. Lourdes Albertos actualizar os mapas 37 e 38 de J. Untermann (7): na pág. 80 das Actas (Salamanca 1976) apresenta aquele em que inclui *Doqairus*; na pág. 81, o mapa

(7) *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965.

assinála apenas uma *Dobiteina*, no que não há novidade em relação ao que a mesma autora publicara anos antes <sup>(8)</sup>.

De ambos os antropónimos existem grafias várias, correspondentes quiçá a áreas linguísticas distintas. Da forma *Doquir*-assegura Untermann (*o. c.*, p. 105) que ela «está circunscrita à Lusitânia oriental». Quanto às variantes *Dobiteina* / *Doviteina* / *Dovidena* / *Dovitena*, escreve o mesmo linguista :

«Do ponto de vista fonético, depreende-se que *v* (escrito *v* ou *b*) se conserva a sul do Douro, enquanto que se perde a norte; igualmente, as formas com *t* predominam no sul e a com *d* no norte» (*o. c.*, p. 107).

O nosso exemplo confirma, pois, as teses apontadas.

\*  
\*       \*

No entanto, é pelo inusitado da invocação a Júpiter que a ara de Orjais merece um lugar à parte.

Efectivamente, a divindade clássica do panteão romano surge aqui não como *I. O. M.* mas sim acompanhada de dois epítetos — *Supremus*, *Summus* — cuja ocorrência epigráfica não encontramos atestada. E o mais curioso é justamente que o seu uso na literatura parece abundante. Em Plauto, por exemplo:

— «*Serva, Iuppiter supreme, et me et meum gnatum mihi*» (*Cap.* 976);

— «*luno filia et Saturnus patruus et summus Iuppiter*» (*Cist.* 2.1.40);

— «*Iuppiter supreme*» (*Men.* 1114).

E em Cícero:

— «*Gratias tibi ago, summe Sol, vobisque, reliqui Caelites*» (*De Rep.* I, I (9)).

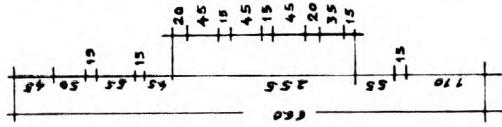
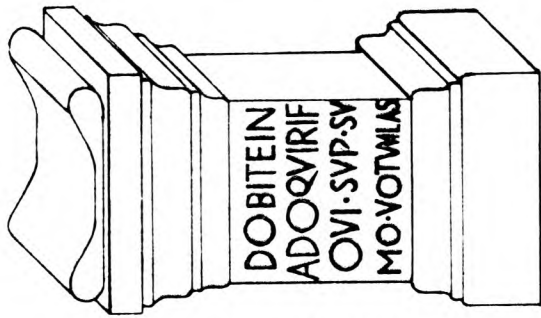
<sup>(8)</sup> *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 106, mapa 4. Na realidade, além do exemplo de Hinojosa del Duero (HAE 1267 = *ILER* 2849), temos um outro em Idanha-a-Velha (*ILER* 2422); em ambas as inscrições o modo de identificação é idêntico ao da presente ara: a primeira diz-se *Auloni f.*, a segunda *Maelonis f.*



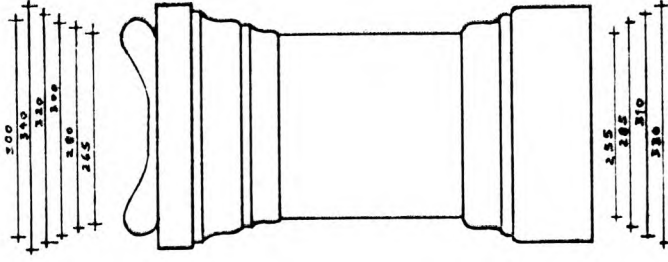
Ocorre, pois, interrogarmo-nos sobre o real significado desta invocação — para mais, aqui com um dos epítetos abreviado e o outro escrito apenas com um M. As referencias literárias citadas apontam para a utilização dos epítetos *Supremus* e *Summus* predominantemente na linguagem falada. Desta forma, eremos que o presente texto poderá representar um caso de transposição — directa, simples, ingénua — do falar corrente para a linguagem epigráfica, habitualmente mais estereotipada, obedecendo a outros cânones. E não nos parece inadmissível imaginar que, tendo ouvido elementos mais romanizados invocarem assim na vida corrente o deus supremo, a dedicante, ainda pouco integrada no esquema religioso dos Romanos <sup>(9)</sup>, haja mandado passar para a pedra o que no quotidiano era hábito entender.

Até que ponto este *Iuppiter Supremus Summus* é a divindade clássica romana, na plena acepção da palavra, ou a encarnação dum deus supremo, resultante da interpenetração de dois mundos religiosos — o romano e o indígena? Torna-se difícil optar. Mas, a termos que optar, preferíamos ver em *Dobiteina* a mulher simples que, deslumbrada pelas roupagens em que se apresentava o deus do Romano vencedor, o venera como tal, assim mesmo, ausente de todo o contexto religioso indígena em que seus pais um dia se moveram e porventura a educaram.

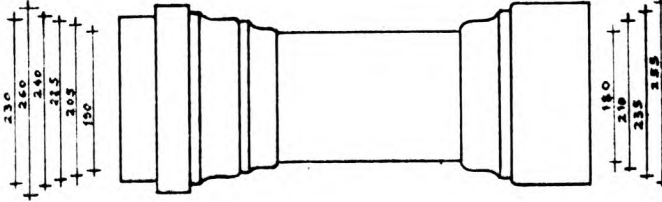
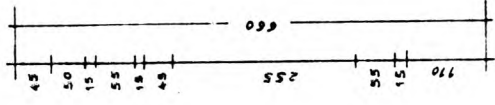
(9) Pela paleografia, o texto pode datar-se do séc. I da nossa era.



escala: 1:10



alçado posterior



alçado lateral esquerdo

"UN COVADO": 660 MM

(Página deixada propositadamente em branco)



